

NACIONAL

ECONOMIA - BRASIL

Movimentos sociais planejam nova ofensiva

Página A7

Marajás vão à Justiça para manter privilégios

Página A9

Dirceu admite que subteto será maior

Página A13

TURBULÊNCIA

Governo teme efeito econômico da tensão social



Roberto Castro//AE

Avaliação é de que confiança conquistada nos primeiros meses está sendo corroída

BRASÍLIA - É cada vez mais aguda no governo a percepção de que o agravamento da tensão social no campo e nas cidades, somado à consolidação da imagem de inoperação e falta de unidade da máquina administrativa federal, tem corroído a confiança conquistada nos primeiros meses de gestão petista e assustado os investidores. Esse diagnóstico vem aparecendo com frequência crescente nas conversas dos integrantes do primeiro escalão com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

São mais sensíveis a tal preocupação os ministros que, por hábito ou dever de ofício, têm mais contato com empresários. Encarregado de comandar o Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, órgão de assessoramento da Presidência da República que reúne representantes da iniciativa privada, dos sindicatos e dos movimentos sociais, o secretário especial Tarso Genro atesta: "Bate forte no conselho a ansiedade pela retomada do crescimento e os empresários estão seguindo investimentos porque querem ver o que vai ser feito."

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, vai mais longe: seu diagnóstico é de que o País se encontra numa "encruzilhada", após fazer o que define como "grande esforço bem-sucedido" de estabilização da economia, redução da inflação e resgate da credibilidade. "Mas o esforço é insuficiente para atender às demandas da sociedade, porque este governo não foi eleito para cuidar só da estabilidade macroeconômica: foi eleito para responder às ansiedades."

Infra-estrutura - Bombardeado pelos radicais do PT,

O presidente Lula: preocupação com a retração de investidores é um tema cada vez mais frequente nas conversas com ministros

que chegaram a pedir sua demissão, o ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues, diz notar insegurança por parte do setor produtivo: "O empresário se pergunta sempre qual é o risco que ele corre." Rodrigues avalia que a manutenção do clima de violência pode trazer consequências sérias, como o adiamento de investimentos em infra-estrutura e a redução no ritmo de modernização do setor agrícola.

Por enquanto, crê o ministro, essas preocupações não se traduziram em decisões empresariais. Pelo

agricultura ao longo dos últimos anos: "A violência no campo é muito recente e seus impactos não surgirão já, pois o processo de decisão vem ao longo do tempo."

As invasões são citadas pelo mercado financeiro – sempre atento às variações de humor na política – na lista dos fatores que explicam os revéses sofridos pelo governo na semana passada. O Banco Central, por exemplo, tentou trocar US\$ 3 bilhões em títulos da dívida externa, mas os investidores só aceitaram US\$ 1,3 bilhão. Além disso, na sexta-feira o clima era de fim de luta-de-mel: a cotação do dólar passou dos R\$ 3 e a taxa de risco Brasil, que há duas semanas estava em pouco mais de 700 pontos, havia chegado a 848 pontos.

"Por sua natureza, o merca-

do financeiro é mais sensível", diz o ministro do Planejamento, Guido Mantega. "O mercado de investimento tem um olhar mais de médio e longo prazo e sabe que estamos vivendo um momento passageiro."

Apreensão – A percepção de que a situação é preocupante

foi reforçada ontem no discurso do ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, a deputados petistas, durante encontro num hotel de Brasília. A reunião, marcada há mais de um mês, seria para tratar da turbulenta relação do Planalto com a bancada do PT no Congresso, mas o ministro aproveitou

para expressar apreensão com o cenário político e econômico.

"O tempo político está encurtando e o governo tem de apressar mais, ser mais eficiente para tratar do crescimento econômico e da agenda social", disse Dirceu, segundo relato do deputado Paulo Bernardo (PT-PR) confirmado por outros parlamentares. "É preciso acelerar essas políticas de crescimento econômico e agilizar agenda social."

Dirceu defendeu uma aliança positiva do governo com os movimentos sociais: "Uma aliança para dialogar, mas não podemos permitir que episódios desmoralizem o governo, como a ocupação de prédio público. Não podemos permitir nada que passe uma imagem de fruixão do governo." Ele afirmou ainda que o País tem condições de, até dezembro, fazer os juros caírem a um patamar inferior a 20%, atingindo 16% no segundo semestre do ano que vem.

Atitude – Na prática, são várias as causas da retração dos investidores: desde a alta dos juros nos Estados Unidos até o fato de empresas importadoras estarem se abastecendo de dólares. Mas também reforçam o desalento problemas políticos, como as idas e vindas do governo nas negociações das reformas tributária e da Previdência, além de sua atitude ambígua diante das invasões de terra.

Há quem ache, porém, que as coisas vão bem. "Isso é hiper-trofia da mídia", reage o assessor especial da Presidência, Frei Betto, cuja visão é rebatida pelo deputado Roberto Brant (PFL-MG). "Há risco de afugentar os investimentos, pois os movimentos sociais tendem a crescer e exacerbar-se", diz o parlamentar de oposição. (Cida Fontes, Lu Aiko Otta e Vera Rosa)

O tempo político está encurtando e o governo tem de ser mais eficiente para tratar do crescimento e da agenda social

José Dirceu

contrário, há uma lista de dados otimistas sobre investimentos na agricultura, como a opção da Fiat por instalar uma fábrica de colheitadeiras de cana em Piracicaba (SP) e a projeção de crescimento de 10% no consumo de fertilizantes. Mas essas decisões, alerta Rodrigues, foram tomadas com base no desempenho positivo da

10 FATOS QUE ASSUSTAM OS INVESTIDORES

- 1 O ministro das Comunicações, Miro Teixeira, questiona reajustes nas tarifas telefônicas e incentiva a batalha judicial contra os contratos
- 2 O ministro da Reforma Agrária, Miguel Rossetto, diz que novos acampados terão prioridade sobre os cadastrados
- 3 O presidente Luiz Inácio Lula da Silva usa o boné do MST
- 4 O deputado petista Luiz Eduardo Greenhalgh afirma que a Volkswagen terá de comprovar a posse do terreno invadido em S. Bernardo
- 5 O líder do MST João Pedro Stéfle sugere aos sem-terra promover uma guerra contra os latifúndios
- 6 O secretário de Direitos Humanos, Nilmário Miranda, critica a Justiça por condenar o líder do MST José Rainha a 2 anos e 8 meses de prisão por posse ilegal de armas
- 7 Os aliados do governo no Congresso cedem à primeira pressão dos juízes na discussão da reforma da Previdência
- 8 A articulação política do governo é precária e falta unidade de discurso
- 9 Cresce a pressão dentro do próprio governo contra a política econômica "fiscalista" pilotada pelo ministro Antônio Palocci
- 10 A infra-estrutura do País é frágil e o governo parece não ter um plano para recuperar estradas ruins, modernizar portos estrangulados e afastar o risco de um apagão